

O DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

DRAWING IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Neidimar Coelho Passos*
Juliane Melagasse Hernandes**
Naí Idilene Zago Chiaroto***

RESUMO

Este artigo baseia-se na valorização da capacidade e na importância do desenho na Educação Infantil, sob o ponto de vista do pedagogo. Esse profissional deve-se manter atento para as questões referentes à descoberta do mundo através do lúdico, baseando-se em ser um profissional mediador, entre o conhecimento, a prática educativa e a socialização com o universo fora do muro da escola. Sendo assim, deve se embasar através de pesquisa em artigos que tenham como foco a temática do desenho na avaliação pedagógica e sua contribuição para o desenvolvimento desse educando, identificando-se os pontos importantes quanto aos aspectos: social, cognitivo, afetivo e motor. Esse estudo confirma como os pedagogos conseguem êxito e sensibilização, principalmente quando se envolve tanto a família quanto a escola, que juntas precisam considerar a melhor maneira de contribuir para a formação das crianças. Esse profissional deve além de conhecer o aluno conhecer a família e a comunidade que irá assistir, pois tudo é um conjunto.

Palavras-chave: Crianças. Desenho. Educação Infantil. Pedagogo.

ABSTRACT

This article is based on the appreciation of the capacity and importance of drawing in Early Childhood Education from the point of view of the pedagogue. This professional should be attentive to the questions concerning the discovery of the world through play, relying on being a professional mediator between knowledge, educational practice and socialization with the universe outside the school wall. Therefore, it should be based on research in articles that focus on the theme of the design in the pedagogical evaluation and its contribution to the development of this student, identifying the important points regarding the social, cognitive, affective and motor aspects. This study confirms how pedagogues succeed and raise awareness, especially when involving both the family and the school, which together need to consider how best to contribute to the training of children. This professional must also know the student to know the family and the community that will attend, because everything is a set.

Keywords: Children. Drawing. Children Education. Pedagogue.

* Pós-graduada em Educação Infantil. Faculdade de Educação São Luís. neidimarcoelho@yahoo.com.br

** Graduada em Pedagogia na Faculdade Anhanguera UNIDERP. jmalagassehernandes@gmail.com

*** Graduada em Pedagogia na Faculdade UNISEB Centro Universitário. di_charlene@yahoo.com.br

Introdução

Esse artigo baseia-se no resultado de pesquisa sobre a relação entre a criança e o universo dos desenhos sob o olhar do pedagogo, com uma visão de prepararem melhor os alunos para a fase de alfabetização.

O profissional da educação infantil deve promover essa relação entre as partes envolvidas, sempre vislumbrando o desenvolvimento da criança articulando esse cenário, apresentando formas de convivência que tornam possível a cidadania e o pleno desenvolvimento do ser humano.

A função social da escola diz respeito a como ela se articula com a comunidade, a escola é um espaço social de trocas coletivas, onde todos aprendem.

A relação entre escola e comunidade, nem sempre é fácil, existem barreiras de comunicação entre as partes envolvidas nessa relação.

A escola é o espaço próprio da tarefa educativa. Nela atuam profissionais com o intuito de transmitir cultura, são eles os professores, os gestores e outros especialistas ligados à educação e aí a figura do pedagogo é fundamental. Como a escola está inserida num contexto social amplo e complexo, pode-se dizer que a educação é uma tarefa coletiva da sociedade. Embora seja dirigida por uma equipe de pessoas que nela trabalham, ela não pode ficar à margem do contexto em que se insere.

Cada vez mais acentuam e mostram a necessidade de relações inovadoras por parte da equipe gestora, a escola deve aprender a estruturar-se e conviver com mudanças, com o caos, com a variedade, com a diversidade, com conflitos e paradoxos e todos os dilemas consequentes, sobretudo o gestor deve ter muita percepção, intuição e flexibilidade e estar atento as opiniões deferidas pelo profissional da educação infantil, o trabalho deve ser um complemento, ou seja, um depende do outro.

Na educação todas as partes envolvidas devem unir às forças buscando o bem comum, em especial a questão ensino aprendizagem, mesmo que no caso específico um "simples" desenho no papel.

Na verdade, o pedagogo tem ainda que fazer o papel de conciliador entre a criança e a família, para existir uma relação de confiança entre os participantes do processo, é preciso manter um clima de tranquilidade e confiança, por parte dos envolvidos. É imprescindível desenvolver uma boa interação com o grupo, para que eles tomem conhecimento dos objetivos e se comprometam com o objetivo que é interpretar o universo exposto no papel.

O desenho infantil

Baseando-se no artigo de Thereza Bordonie, ela diz que o desenho é uma evolução, desde os primeiros rabiscos até as garatuchas mais sequenciadas, isso só acontece pela intervenção que a criança sofre observando outros. Segundo a autora:

[...] na garatuja, a criança tem como hipótese que o desenho é simplesmente uma ação sobre uma superfície, e ela sente prazer ao constatar os efeitos visuais que essa ação produziu. No decorrer do tempo, as garatujas, que refletiam sobretudo o prolongamento de movimentos rítmicos de ir e vir, transformam-se em formas definidas que apresentam maior ordenação, e podem estar se referindo a objetos naturais, objetos imaginários ou mesmo a outros desenhos. Na evolução da garatuja para o desenho de formas mais estruturadas, a criança desenvolve a intenção de elaborar imagens no fazer artístico (BORDONIE, 2018, p. 1).

Posterior a essa fase a criança começa a articular seus desenhos com imagens que ela tem acesso assim começa a impor os conhecimentos adquiridos em suas atividades. A princípio, a criança trabalha sobre a possibilidade de que o desenho serve para expressar tudo o que ela sabe sobre o universo. Com o passar do tempo essa criança insere códigos de representação das imagens, assim ela transmite aquilo que vê. Da simbolização, a criança incorpora progressivamente regularidades ou códigos de representação das imagens do entorno, passando a considerar a hipótese de que o desenho serve para imprimir o que se vê.

Os pais depositam uma série de expectativas na vida escolar dos filhos. Eles esperam que a escola posicione as crianças no mundo do conhecimento, que sejam educadas em um lugar acolhedor, que ofereça uma convivência de qualidade capaz de ajudar no desenvolvimento físico, cognitivo e emocional.

A escola e a equipe gestora não podem ser omissas e precisam trabalhar com os alunos que não respeitam as regras de convivência e comprometem o trabalho coletivo.

A relação com as famílias e comunidade deve ser alicerçada por meio de reflexões e ações éticas. Para que os pais acreditem que nossas atitudes de educadores são as mais adequadas, é preciso fazer com que eles conheçam os valores nos quais se baseiam as decisões e atitudes tomadas dentro da nossa Unidade Escolar.

Algumas vezes, a desconfiança é gerada pela própria falta de informação, são necessárias reuniões pedagógicas, eventos, murais, site, blog, não dá mais para deixar a internet de fora, ela faz parte do cotidiano dos nossos alunos. Mostre aos pais sempre que

solicitado a realidade da escola, exponha os problemas quando eles surgirem, não se omita, nem fique no anonimato.

No que se refere à educação da criança pequena, práticas educativas e conceitos básicos foram sendo construídos com base em situações sociais concretas que, por sua vez, se transformou em um direito da criança.

O desenho e a linguagem

De uma maneira geral sempre associamos o desenho à objetos, ideias e reprodução de figuras ou imagens, porém o desenho constitui a forma particular de se expressar de uma criança onde está revela seus sentimentos, suas vontades, ideias e experiências, bem como demonstra sua concepção de mundo por meio de diversas maneiras de representar o ambiente que a cerca.

Assim, percebemos então que nas mais diversas atividades humanas, o desenho faz-se presente no dia-a-dia de uma criança, seja ao manusear um livro e deparar-se com uma figura, na ilustração de uma revista ou jornal, nas obras de artes, no caderno utilizada na escola, nas revistas em quadrinhos, no esboço de um mapa, dentre outras representações. Desse modo, o desenho apresenta uma natureza transitória e tão versátil, utilizando em vários momentos de nossas vidas (DERDYK, 1993, p. 10).

O desenho é uma linguagem muito antiga e “permanente, sempre esteve presente desde que o homem inventou o homem. Atravessou fronteiras espaciais e temporais, e por ser tão simples, teimosamente acompanha a nossa aventura na terra” (DERDYK, 1993, p. 10). Nas palavras da autora Edith Derdyk, constatamos que o desenho faz parte da vida humana desde a invenção da humanidade, portanto, trilhou por diferentes caminhos ao longo da história e evolução do homem.

Dentre as diferentes linguagens utilizadas pelas sociedades primitivas para se comunicar, consideramos que o desenho foi o primeiro registro produzido pelo ser humano para se expressar graficamente. É constatado então que desde os tempos primórdios o desenho já era utilizado como forma de linguagem e comunicação, que ao decorrer do tempo foi se aprimorando com traços e formas mais elaboradas.

Para tanto, observamos que “o homem sempre desenhava. Sempre deixou registros gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados à posterioridade” (DERDYK, 1993, p. 10). Ou seja, segundo a autora o desenho sempre teve grande

significado para a história da construção da sociedade e dos povos, e também sempre contribuiu muito para o desenvolvimento da linguagem nas antigas civilizações, bem como proporcionou o nascimento da escrita.

Dessa maneira o desenho assume diversas possibilidades no mundo infantil, a “possibilidade de brincar, o desenho como possibilidade de falar [...]” (MOREIRA, 2009, p. 26), o desenho como possibilidade de criar, cantar, sonhar, e outras finalidades. Esta linguagem gráfica “marca o desenvolvimento da infância, porém em cada estágio, o desenho assume um caráter próprio” (Ibidem). Segundo a autora, a criança no ato de desenhar também se utiliza de outras linguagens como por exemplo: o brincar, imaginar, cantar, falar, e outras formas de expressão.

Então observamos que segundo Simão (2011, p. 25):

À medida que a criança cresce, constantemente notamos as mudanças ocorridas em seus desenhos. Desta forma, em cada idade, a criança apresenta características peculiares e diferentes maneiras de desenhar. Estas maneiras de desenhar não são idênticas em todas as crianças. Temos que levar em conta, além das suas características individuais, os fatores biológicos, sociais, econômicos e culturais de cada criança. Sendo assim, algumas classificações, as quais veremos mais adiante, foram elaboradas para nomear as etapas e os estágios evolutivos do desenho infantil, tendo como base os aspectos sociais, culturais e psicológicos da criança.

Concluimos que:

[...] o desenho e a escrita são duas linguagens que apesar de serem distintas, se interagem, e muitas vezes se complementam, pois cada uma tem a sua especificidade e a sua derivação particular. Contudo, acreditamos que o desenho é a primeira escrita da criança, pois ela se serve desta linguagem para inventar mensagens e escrituras imaginárias e também se comunicar do seu jeito com o mundo do adulto (SIMÃO, 2011, p. 32).

Então ao pensarmos deste modo entendemos que a criança acessa diversas formas de linguagens e expressões através do desenho, dessa forma obtém as noções iniciais sobre o que realmente a escrita representa e começa a partir deste momento entrar no mundo letrado e escrito.

O mundo construído através do desenho

A palavra educar, pela sua etimologia (edurece), significa conduzir a partir de. Educar é ajudar a ser, permitir que se seja. E tanto a família quanto a escola precisam considerar a melhor maneira de contribuir com a formação das nossas crianças.

É importante pontuar-se alguns aspectos, quais sejam: é necessário reconhecer que a família, independente do modelo como se apresente, pode ser um espaço de afetividade e de segurança, mas também de medos, incertezas, rejeições, preconceitos, etc. Daí ser fundamental, conhecer-se os alunos e as famílias com as quais iremos trabalhar. Conhecer suas dificuldades, seus planos, seus medos e seus anseios. É preciso ainda saber as características e particularidades que têm marcado a trajetória daquela família, estas informações são dados que nos ajudarão na tomada de decisões e atitudes em relação às nossas crianças, e isso pode ser percebido através de um "rabisco" no papel.

O diálogo entre as partes envolvidas deve ser capaz de construir coletivamente uma relação de diálogo, de maneira que cada um tenha o seu momento de fala e troca de conhecimento. Piaget (1948), em suas análises fez algumas considerações:

A garatuja é parte da fase sensório motora (0 a 2 anos) e parte da fase pré-operacional (2 a 7 anos). A criança demonstra extremo prazer nesta fase. A figura humana é inexistente ou pode aparecer da maneira imaginária. A cor tem um papel secundário, aparecendo o interesse pelo contraste, mas não há intenção consciente. Pode ser dividida em: desordenada: movimentos amplos e desordenados. Com relação a expressão, vemos a imitação "eu imito, porém não represento". Ainda é um exercício e a ordenada: movimentos longitudinais e circulares; coordenação viso-motora. A figura humana pode aparecer de maneira imaginária, pois aqui existe a exploração do traçado; interesse pelas formas (Diagrama). Nesta fase começam a perceber mudança nos movimentos, surgem os nomes, as histórias, e a figura do homem pode surgir.

Pré esquematismo, nesta fase começam as descobertas em relação entre os desenhos e o mundo real. Os desenhos ainda não se relacionam entre si, ficam dispersos no papel, começa a surgir a figura humana, as cores são presentes, mas não há relação com a realidade.

A fase seguinte a qual chamamos de esquematismo, é quando as operações concretas acontecem entre os 7 e 10 anos. Esquemas representativos, afirmação de si mediante repetição flexível do esquema; experiências novas são expressas pelo desvio do esquema. Quanto ao espaço, é o primeiro conceito definido de espaço: linha de base. Já tem um conceito definido quanto a figura humana, porém aparecem desvios do esquema como: exagero, negligência, omissão ou mudança de símbolo. Aqui existe a descoberta das relações quanto a cor; cor-objeto, podendo haver um desvio do esquema de cor expressa por experiência emocional. Aparece na expressão o jogo simbólico coletivo ou jogo dramático e a regra.

O realismo também integra essas fases das operações concretas, mas com uma consciência maior do sexo e autocrítica pronunciada. No espaço é descoberto o plano e a superposição. Abandona a linha de base. Na figura humana aparece o abandono das linhas. As formas geométricas aparecem. Maior rigidez e formalismo. As roupas ganham destaque diferenciando os sexos. Aqui acontece o abandono do esquema de cor, a acentuação será de enfoque emocional. Tanto no Esquematismo como no Realismo, o jogo simbólico é coletivo, jogo dramático e regras existiram.

O pseudo naturalismo surge a partir dos 10 anos, é o fim da arte como atividade espontânea. Inicia a investigação de sua própria personalidade. Aparece aqui dois tipos de tendência: visual (realismo, objetividade); háptico (expressão subjetividade). No espaço já apresenta a profundidade ou a preocupação com experiências emocionais (espaço subjetivo). Na figura humana as características sexuais são exageradas, presença das articulações e proporções. A consciência visual (realismo) ou acentuação da expressão, também fazem parte deste período. Uma maior conscientização no uso da cor, podendo ser objetiva ou subjetiva. A expressão aparece como: "eu represento e você vê" Aqui estão presentes o exercício, símbolo e a regra.

Como contribuir para a aprendizagem

Para construir uma escola para todos é preciso fazer uso do diálogo, cada componente do universo escolar apresenta características e qualidades no caso dos educandos de aprendizado diferentes umas das outras, o corpo docente também responde de forma diferente.

É preciso considerar a todos, a participação de alunos, professores, responsáveis, gestores e funcionários no cotidiano da escola e nos diversos níveis do processo pedagógico contribui de modo determinante, para o enfrentamento das grandes dificuldades e desafios vividos por todos os envolvidos no contexto escolar, bem como a comunidade do entorno da escola.

A participação do pedagogo em contato com o gestor, por exemplo, nesse processo é o caminho que possibilita mudanças e constrói uma nova realidade, sempre focada na produção de conhecimento e contribuindo com o trabalho dos professores.

Hoje nossa sociedade entende que o conhecimento seja um valor especial, em muitos casos mais que bens materiais, antigamente, a grande maioria dos pais queria deixar para seus filhos patrimônios e riquezas materiais como herança para seus filhos,

hoje, uma maioria procura oferecer uma boa formação geral, e maneiras desse indivíduo continuar adquirindo conhecimentos, num processo de educação contínua.

Mesmo entre as pessoas mais humildes isso tem mudado e os pais procuram proporcionar aos filhos aquilo que tiveram, inclusive em conversa com uma diretora no município de Araras SP, ela mencionou esse fato baseada na realidade da sua escola, onde filhos de coletores de materiais recicláveis, sem nenhum grau de instrução, mantêm os quatro filhos na escola e sempre que se faz necessário eles estão presentes na escola, “são sim pessoas muito simples, sem conhecimento algum que sabem que os filhos terão um futuro diferente ao deles se estudarem”, relatou.

Acredita-se que o espaço escolar pode e dever transformar-se em um espaço agradável, prazeroso, de forma que através dos desenhos o educador alcance sucesso em sua sala de aula.

Hoje a educação espera que os educadores sejam profissionais multifuncionais, não apenas educador, mas psicólogo, pedagogo, filósofo, sociólogo, psicopedagogo, recreacionistas e muito mais, para que possa desenvolver as habilidades e a confiança necessária para se ter sucesso no processo de aprendizagem e na vida das crianças.

Considerações Finais

Com este artigo buscou-se iniciar uma reflexão sobre a importância do universo desenho no mundo da educação e como elas vão construindo sua visão de mundo. Com o estudo concluiu-se que a escola é um espaço de verdadeira reflexão e devemos estar atento a todos os traços que a criança coloca no papel

Cabe-se ressaltar que cada criança tem seu ritmo e os adultos devem proporcionar que ela desenhe livremente, sem intervenção direta, explorando diversos materiais, suportes e situações. Não devemos tentar interpretar o desenho ele deve fazer parte do contexto, com o passar do tempo os riscos vão tomando formas.

O professor deve oferecer aos pequenos, contato com diferentes tipos de desenhos e obras de artes, para que elas façam a leitura e suas reproduções e escutem a de outros e também que orientem as crianças a desenharem partindo de observações, como as cenas de um livro, alguns objetos, sugerir pessoas, para que assim possamos ajudá-la a criar um universo de informações e enriquecer o seu grafismo, assim elas poderão moldar suas ideias e construir novos conhecimentos.

Portanto o desenho infantil é um universo cheio de mundos a serem explorados e faz parte da vida e do crescimento de toda criança.

Sobre as consequências das práticas desenvolvidas pela criança, e que para este espaço se tornar produtivo, deve ser preparado para escrever a história de sua vida, todas as alternativas envolvendo fases são corretas, pois uma complementa e outra e sempre a algo a melhorar, às vezes com pequenos gestos mudamos as expectativas das partes, devemos ter propostas simples e viáveis.

Esses pontos certamente contribuem para que o desenvolvimento infantil se faça em direções mais críticas, afetuosas, lúdicas, colaborativas, solidárias.

Sem dúvida, existem pessoas com um talento nato para educação, mas sabe-se também que é uma profissão com grandes dificuldades e desafios, e que alguns profissionais dão vida aos conceitos trabalhados ao longo da vida profissional.

Então aprender a interpretar um desenho é uma quebra de paradigmas, a semente inicial foi plantada, agora é necessário regá-la com zelo, dedicação visando à obtenção de um pomar com muitos frutos no futuro.

Desta forma, tratando em especial do desenho infantil, vimos no decorrer das colocações que o desenho antecede à aprendizagem da escrita convencional e, por isso, ele é a primeira forma de expressão gráfica utilizada pela criança para se comunicar. Portanto, a partir dos estudos apresentados e discutidos anteriormente, torna-se possível concluir que o desenho infantil enquanto linguagem gráfica e artística contribui significativamente não só para o desenvolvimento da escrita, como também auxilia na coordenação motora da criança na alfabetização, bem como no processo tão importante de expressão da individualidade e de mundo que a criança vive.

O desdobramento deste artigo nos possibilitou reflexionar sobre a relevância do desenho infantil para a aprendizagem da língua escrita e também do desenvolvimento pessoal e inerente das crianças, respeitando suas individualidades e o meio em que vivem.

Referências

AGÊNCIA EDUCA BRASIL. Dia nacional da família na escola. Disponível em <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=417>. Acesso em: 19 abr. 2018.

AMPERJ – LEGISLAÇÃO. Estatuto da criança e do adolescente. Disponível em: http://www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/eca_L8069.pdf. Acesso em: 2 abr. 2018.

BARDUCHI, A. L. J. **Desenvolvimento pessoal e profissional**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

BORDONI, T. **Descoberta de um Universo**: a evolução do desenho infantil. Disponível em: <http://www.profala.com/arteducesp62.htm>. Acesso em: 20 abr. 2018.

CARAVANTES, Geraldo Ronchetti. **Comportamento organizacional e comunicação**. Porto Alegre: ICDEP, 2009.

CHIAVENATO, I. **Administração**: teoria, processo e prática. Rio de Janeiro: ELSEVIER, 2010.

DELORS, J. **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez; Brasília-DF: MEC/Unesco, 1999.

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho**: o desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1993.

DERDYK, E. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1993.

DIAS, R. **Fundamentos da sociologia geral**. Campinas: Editora Alínea, 2010.

FACHIN, O. **Fundamentos de Metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FELDMANN, M. G. **Formação de professores e escola na contemporaneidade**. São Paulo: Senac, 2009.

MOREIRA, A. A. **O espaço do desenho**: a educação do educador. 13. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

PENIN, S. T. de S. **Progestão**: como articular a função social da escola com as especificidades e as demandas da comunidade? Brasília-DF: CONSED – Conselho Nacional de Secretários da Educação, 2001.

PIAGET J. **A formação do símbolo na criança**. Imitação, jogo e Sonho Imagem e Representação. Tradução de Álvaro Cabral e Christiano Monteiro. Terceira Edição Título original: La Formation du Sembole chez l'enfant imitation, Jeu et Rêve, image et Représentation Traduzido da terceira edição, publicada em 1964, por Editions Delachaux et Niestlé, Neuchâtel, Suíça. Copiright (c) 1964.

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: S.O.S. Corpo, 1996.

SIMAS, D. E. **Riscos e rabiscos:** a contribuição do desenho infantil para a alfabetização. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador. 2011.

WEBER, M. **Conceitos Básicos de Sociologia.** São Paulo: Editora Moraes, 1987.